



## Nosso Bairro, Nossa Gente: retratos que revelam outros ângulos do cotidiano<sup>1</sup>

Alissom BRUM<sup>2</sup>  
Sarai SCHIMIDT<sup>3</sup>

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

### RESUMO.

Este artigo disserta sobre os processos que levaram um grupo de crianças a construir um novo olhar sobre o bairro onde vivem e discutirem a relação entre comunicação e cultura por meio da produção de imagens locais. A partir das oficinas de Educação e Fotografia proposta pelo projeto de extensão *Nosso Bairro em Pauta* da Universidade Feevale em 2014, os alunos da rede municipal de Novo Hamburgo compreenderam a linguagem fotográfica e, por meio dela, passaram a ser melhores observadores sobre aquilo que constitui o seu cotidiano. São realizadas aulas sobre a técnica fotográfica, em que o bairro passa a ser o cenário para as composições e suas ruas se tornam a sala de aula, fazendo da fotografia uma importante ferramenta pedagógica. Este trabalho interdisciplinar resulta do encontro da escola e a universidade e é construído a partir das contribuições dos Estudos Culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; mídia; comunicação; criança; educação.

### 1. INTRODUÇÃO.

*“A gente fez caminhadas pelo bairro, fizemos fotos dos moradores, foi bem legal, conheci muita gente nova. No final da oficina, a gente viu um vídeo com todas as fotos que fizemos. Eu me senti bem em ver, porque eu vi como foi tudo aquilo de novo. Eu descobri que eu sabia fazer e agora estou sempre fotografando as coisas, e foi nesta oficina que aprendi. O que mais gostei foi fotografar os moradores, porque foi bem legal descobrir o trabalho de cada um. Teve um idoso que a gente fotografou, ele era meio surdo, tinha que falar bem perto dele. Tinha uma senhora que agente foi visitar, ela era florista. Foi muito legal entrar dentro do estúdio, eu nunca tinha entrado, eu achei bem legal fotografar e ser fotografado. Quando eu fotografava alguém, eu cuidei para a câmera não ficar torta. Quando eu fui fotografada, me senti envergonhada. Eu acordava de manhã, bagunçava todo o roupeiro, procurando a melhor roupa que tinha, me maquiava toda, me enchia de perfume e procurava o melhor sapato que tinha, porque eu queria que essa foto fosse bem bonita” (Emelly Leal, 9 anos)<sup>4</sup>.*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Publicidade, bolsista de extensão do projeto *Nosso Bairro em Pauta*. E-mail: alissombru@feevale.br.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Docente do Curso de Comunicação Social e dos Programas de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais e Inclusão Social e Diversidade Cultural da Universidade Feevale. E-mail: saraischmidt@feevale.br.

<sup>4</sup> Aluno da rede pública municipal participante das oficinas de fotografia do projeto de extensão *Nosso Bairro em Pauta*.



Diariamente, somos interpelados pelas mais diversas fontes de imagens: TV, vídeo, cinema, revistas, jornais, fotografias, *outdoors*, imagens em *sites* na Internet, em redes sociais, etc... Em outras palavras, consumimos imagens todos os dias e em todos os momentos. Ao mesmo tempo, a produção de fotografias tornou-se cada vez mais acessível. Em tempos da proliferação de celulares com câmera e equipamentos digitais, é preciso refletir sobre a importância da leitura das imagens quando estamos diante de uma cultura visual associada à cultura do consumo. É preciso aprender a olhar essas imagens de maneira crítica, pois é, na sua amplitude, que deciframos seus códigos. Nesse cenário, o uso da fotografia no contexto escolar mostra que há outras possibilidades para o processo de construção do conhecimento. O objetivo deste trabalho é contribuir para a formação de um olhar, em que a fotografia servirá como ferramenta ou estratégia pedagógica para a produção de imagens que constituem a redescoberta do nosso cotidiano.

As oficinas de fotografia do projeto *Nosso Bairro em Pauta* foram criadas em 2007 com a proposta de ampliar a visão dos alunos sobre o bairro onde vivem. Antes de saírem para fotografar, os alunos aprendem de forma lúdica a manipular as câmeras e a pensar a fotografia. Com orientação da equipe, são propostas caminhadas pelo bairro para que os estudantes possam registrar suas imagens. Além de aprender as técnicas fotográficas, as crianças são incentivadas a valorizar o seu bairro e o lugar em que moram. Nesses nove anos de oficinas, tivemos diferentes experiências que oportunizaram que alunos da rede pública revelassem novos ângulos do seu bairro. O trabalho é conduzido por meio da parceria de acadêmicos de Comunicação Social com os professores das escolas públicas. Dentre as experiências vivenciadas, cabe destacar algumas.

Uma delas foi o projeto *Imagens do São José*, quando estudantes das escolas Campos Salles, Rodrigues Alves, Eugênio e Adolfina produziram *fanzines* com fotos e entrevista feitas com moradores do bairro São José. No segundo ano, foram impressos cartões postais a partir da escolha da comunidade, por meio do voto popular, das imagens que deveriam representar o bairro. Outra experiência foi o resgate da história do bairro Vila Nova a partir do olhar das crianças e jovens. Outra iniciativa foi a mostra *Hortas Urbanas*, momento em que a equipe percorreu pequenas hortas produzidas pelos moradores. No ano seguinte, foi a vez de percorrer o bairro para fotografar a matemática que está em cada esquina, em cada casa, em cada calçada. E para este artigo o foco será descrever e analisar a experiência da mostra *Nosso Bairro, Nossa Gente*.



## **2. OBJETIVO.**

O objetivo deste trabalho é promover a construção de uma educação do olhar. A proposta envolveu um grupo de acadêmicos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e jovens do ensino fundamental que realizaram a produção de retratos dos colegas e de moradores do bairro Vila Nova. A partir dessa experiência ocorrida no âmbito da extensão universitária, estamos promovendo uma nova compreensão da realidade marcada pela proliferação de imagens, além de possibilitar aos alunos da rede pública uma maior aproximação com sua comunidade e revelar outros ângulos do seu local de vivência comunitária.

## **3. JUSTIFICATIVA.**

A produção dos retratos mostrou-se um método eficaz para a construção de uma educação estética do olhar para o cotidiano e uma estratégia produtiva para discutir a cultura midiática com jovens da rede pública. Somos dotados de visão e, muitas das vezes, não conseguimos visualizar nem mesmo o que está diante de nossos próprios olhos diariamente. A utilização das câmeras fotográficas como recurso pedagógico amplia a nossa capacidade de perceber aquilo que está ao nosso redor e amplia nossa visão do cotidiano. As observações feitas a partir da fotografia revelaram aos *jovens fotógrafos* a descoberta de novos ângulos para a sua “realidade”.

## **4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS.**

Esse trabalho interdisciplinar resulta da troca de saberes entre o conhecimento dos acadêmicos e as vivências e experiências da comunidade. É o encontro entre escola e Universidade. A oficina é realizada por acadêmicos de Comunicação Social, futuros publicitários ou jornalistas. Um dos propósitos do projeto *Nosso Bairro em Pauta* é apostar na possibilidade de tornar os futuros profissionais da Comunicação conscientes sobre a importância do seu papel dentro da sociedade como formadores de opinião, desejos, valores, padrões, comportamentos, entre tantas outras características difundidas pelos suportes midiáticos. É nesse espaço que o acadêmico tem a oportunidade de colocar em prática os conteúdos vistos em sala de aula, além de expandir seus conhecimentos nos trabalhos



produzidos. A oficina *Nosso Bairro, Nossa Gente* foi planejada a partir de dois eixos norteadores: a educação estética do olhar e o resgate da história da comunidade por meio da produção dos retratos. As câmeras fotográficas se tornaram aliadas no processo de aprendizagem, ou seja, a observação passa por um instrumento que a torna concreta através da fotografia. Partindo do manuseio da câmera fotográfica e da produção dos retratos, é que introduzimos a estética do olhar, pois, através da compreensão de suas técnicas, será possível estabelecerem a comunicação visual.

## **5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO.**

*Nosso Bairro Nossa Gente* é uma oficina que encontra na fotografia a oportunidade de despertar novos olhares: olhares de um grupo de crianças sobre si, sobre seus colegas e o bairro onde vivem. As oficinas contribuem para um olhar mais engajado por sua comunidade, uma vez que, na medida em que vemos a fotografia, analisando sua linguagem mais profundamente, passamos a ser mais observadores e nos envolvemos de maneira diferente com o que está a nossa volta.

A máquina fotográfica sempre será um suporte para nossa observação; ela media nossos olhos com aquilo que estamos vendo, mas, sem nosso olhar, a máquina perde seu sentido. Não precisamos da máquina para buscar boas composições, ângulos e enquadramentos para nossa realidade, basta querermos ver e uma fotografia sempre surgirá a nossos olhos. Segundo Sebastião Salgado (apud GURAN, 1999, p. 31), “Você não fotografa (apenas) com sua máquina. Você fotografa com toda sua cultura, os seus condicionamentos ideológicos”.

A produção do ensaio fotográfico *Nosso Bairro, Nossa Gente* foi realizado por meio da parceria do projeto de extensão universitária *Nosso Bairro em Pauta* com uma turma do segundo ano do ensino fundamental da escola EMEF Presidente Affonso Penna. Os encontros ocorriam, semanalmente, no turno da tarde, sendo um na escola e outro na universidade. A produção dos retratos no contexto escolar despertou novas competências do olhar através da fotografia, que nas tentativas de uma boa composição, surge mais observador. O propósito que mobilizou os encontros foi resgatar a história da comunidade por meio da produção dos retratos, fotos que os alunos fizeram de diversos moradores e comerciantes do bairro Vila Novas. As fotos mostraram aspectos e características únicas da dona de casa, do barbeiro, do carroceiro, da professora, entre tantos outros fotografados, além de nos ajudar a desvendar a história da comunidade através de suas vivências. Para um melhor entendimento dos processos que



utilizamos, é necessário compreender nossa metodologia de trabalho. Schmidt (1999) ajuda a compreender a importância da pedagogia das imagens ou a pedagogia do olhar:

Acredito que em meio ao emaranhado de fotografias em que estamos imersos, seja nos jornais, nas revistas ou nos outdoors, que nos encantam em cada esquina, talvez seja interessante refletir sobre o papel que as imagens têm desempenhado nos currículos escolares e, conseqüentemente na capacidade de professores e professoras lidarem com estes materiais (SCHMIDT 1999, p. 11).

Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre a maneira que olhamos e somos olhados. Quando estudamos uma imagem, não estamos analisando um objeto, mas um olhar que, por sua vez, se materializou em uma foto. Por trás de uma câmera, sempre haverá uma pessoa que, de acordo com sua bagagem cultural, selecionara e excluirá elementos da cena. O exercício de enquadrar e compor uma foto são duas entre tantas outras decisões que farão com que um olhar nunca seja igual a outro. Temos, pois, um emaranhado de produções imagéticas por todo mundo, cada qual com suas intenções, que gerarão outras tantas interpretações. Partindo desta mesma perspectiva, Dubois (Apud SAMAIN, 2005, p.13) nos fala que “aprender, deste modo, o fotográfico como uma categoria que não se limita aos únicos objetos – imagens, entender o fotográfico como uma definição possível de uma maneira de ser no mundo, como um estado do olhar e do pensamento”.

Da mesma forma, o olhar na fotografia ainda é uma produção singular e que nos permite compartilhar, com muitos outros, aquilo que vemos. São tantas imagens, tantos olhares que a cada momento percebemos de modo diferente um mundo que achávamos que conhecíamos. No momento em que produzimos uma imagem, estamos produzindo códigos visuais que serão interpretados por outras pessoas.

## **6. NOSSO BAIRRO, NOSSA GENTE.**

Os pesquisadores, estudados neste artigo, afirmam que a proliferação da fotografia foi acompanhada de um empobrecimento do olhar crítico para o mundo que nos cerca, uma vez que, muitas vezes, observamos as imagens sem ao menos entender sua narrativa. Isso nos faz refletir sobre o quanto as imagens são codificadas e a necessidade de entendermos sua mensagem. Esta proposta de levar a discussão da mídia, da cultura das imagens associada à cultura do consumo para a escola pública encontra, no uso das câmeras fotográficas, o apoio para a observação do meio social e a ferramenta para o desenvolvimento de uma alfabetização das imagens. Dessa forma, Dondis (1991) propõe:



Quantos de nós veem? Para dizê-lo de modo ostensivo, todos, menos os cegos. Como estudar o que já conhecemos? A resposta a essa pergunta encontra-se numa definição de alfabetismo visual como algo além do simples enxergar, como algo além da simples criação de mensagens visuais. O alfabetismo visual implica a compreensão e meios de ver e compartilhar o significado a um certo nível de universalidade (DONDIS 1991, p. 227).

Essa perspectiva marca a concepção da oficina de fotografia desenvolvida no projeto. O alfabetismo visual se insere dentro da proposta como uma educação estética do olhar, que se deu a partir de uma releitura desta nova cultura visual que estamos vivendo. O primeiro passo da nossa oficina foi o encontro com a escola e a universidade, pois, a partir disso, discutimos os pontos que norteariam o planejamento. Era importante que, dentro dele, as crianças compreendessem os processos da fotografia e não a vissem apenas como algo tecnológico, mas como ferramenta poderosa da mídia para construções de representações, que se convencionam como padrões de identidade. Sendo assim, Schmidt (1999, p.8), alerta sobre a relação mídia e educação na fotografia do jornal: “Mostrar como as relações de poder forjadas e operantes na arena cultural, vão consolidando e legitimando concepções, fortalecendo posições políticas – filosóficas, produzindo identidades e coordenando sujeitos”.

Os avanços da fotografia, além de permitir a democratização do acesso à produção de imagens, impactaram, completamente, os meios de comunicação, assim como os avanços da Internet e o surgimento das redes sociais possibilitaram que milhares de imagens sejam publicadas todos os dias ininterruptamente. Samain (1995, p. 9) também reflete sobre essa questão, afirmando que, “Ao focalizar mais precisamente a questão das imagens, eu diria que elas estão presentes em cada e em todos meios de comunicação humana. Por assim falar, elas povoam o universo da comunicação humana, desde a fala até a informática”.

Após as discussões entre acadêmicos, alunos e professora da turma, decidimos, coletivamente, que o foco seria a produção dos retratos para enxergar, através da fotografia, características que mostrem a identidade de uma pessoa, traços únicos do seu modo de ser e sua personalidade. Buscávamos trabalhar a maneira com que se vê o próximo e a maneira com que se é visto. O ato de fotografar nos dá a possibilidade de ver por um outro ângulo, tira-nos da zona de conforto e faz-nos querer ver o que outras pessoas não viram. A fotografia abriu novas possibilidades de ver o mundo, de ver o outro, de ver a si. Moisés (1997, p. 327) reflete que “Cada pessoa é um olhar lançado ao mundo e um objeto visível ao olhar do mundo. Cada corpo dispõe de um jeito de olhar que lhe é próprio e essa particularidade condiciona também sua visibilidade como corpo diferente dos outros”.



Em nosso primeiro encontro, todos compartilharam o gosto por fotografar e que possuem uma máquina fotográfica na família, fato que ajuda a inferir que, com avanços tecnológicos, a fotografia foi se tornando cada vez mais acessível e o que antes era privilégio de uns, hoje é de fácil acesso para muitos. A máquina fotográfica foi se modificando e o que antes era pesado, frágil e caro, hoje é um aparelho que cabe no bolso.

Partindo do princípio de conhecermos uns aos outros e dar início as atividades, os alunos percorreram o jardim do campus em duplas, fotografando-se e, após, apresentaram o colega a partir da foto. Com essa atividade, os alunos tiveram que observar, mais atentamente, o colega para descrevê-lo a partir do seu registro, do seu olhar. Também serviu como uma sondagem, pois detectamos as questões técnicas a serem trabalhadas como: composição, enquadramento, posição e forma de segurar a máquina, e exposição fotográfica. Questões importantes e que podem alterar, completamente, o sentido da fotografia. Tais aspectos também são mencionados por Schmidt (1999):

Para o observador da fotografia, a escolha deste ou daquele ângulo parece não produzir alterações significativas no resultado final da foto. No entanto, uma pequena modificação na direção da câmera, abertura em ponto no diafragma alteram esta imagem, ou melhor criam outra imagem. (SCHMIDT 199 p. 12).

Essas questões técnicas estão ligadas, diretamente, com a mensagem da fotografia produzida e, por sua vez, é de grande importância que as crianças saibam observar tais características, uma vez que são, nas linhas de uma composição, na posição de um enquadramento e na exposição fotográfica, que se dará parte desta leitura visual. Duarte (2000) salienta a importância de tais domínios no processo de significação da imagem:

[...] É preciso estar atento, pois todos os elementos interferem na produção de sentido: o plano destaca a importância do tema em relação aos outros elementos presentes na imagem; a composição confere sequencialidade ou direcionalidade, levando o olhar a percorrer as imagens de acordo com um certo esquema que descobre pontos essenciais e os valoriza; o enquadramento define a posição dos sujeitos em relação as margens da imagem; as tomadas frontais e laterais de sentido de ordem cultural [...] (DUARTE 200, p. 174).

Em um segundo momento, fizemos uma saída de campo, em que pedimos aos alunos para nos apresentarem o bairro por meio de fotos. Em nossa caminhada, as crianças fotografaram suas casas e lugares onde brincam. Observamos que os alunos clicavam muito sem pensar no propósito de suas fotografias. Esse contexto é discutido por Jobim (2002) em seus estudos sobre a discussão da pedagogia das imagens da seguinte forma:



A experiência atual com as imagens, quer sejam fotográficas, cinematográficas ou televisivas, acontece na maioria das vezes de forma espontânea, intermitente, fragmentada, enfim, de modo superficial. Com a proliferação das imagens a cada dia elas perdem mais a capacidade de dizer algo a alguém, pois também as pessoas que vivem essa dispersão perceptiva de modo permanente acabam por perder a sensibilidade de ver as coisas. (JOBIM, 2002, p. 63).

Desde que a fotografia passou a ser vista como um texto simbólico, sua importância aumentou dentro do sistema comunicacional. Segundo Júnior (1995, p.33), a imagem deveria passar por uma “ação de criação que resultaria em uma ação de compreensão”. O que está acontecendo nos tempos atuais é uma produção em massa de imagens que acaba por banalizar o interesse por sua leitura. Nesse sentido Giglio (1995), lembra que

A reprodução de imagens fotográficas de acontecimentos do mundo inteiro na imprensa cotidiana, a cinematografia e a televisão contribuíram também para modificar o papel da imagem na sociedade contemporânea. Obedecendo características de produção em série e da difusão massiva, ela deixa de ser uma criação artesanal para tornar-se uma produção industrial. (GIGLIO, 1995, p. 50).

A poluição visual reduz a função da imagem. São tantas que nos são apresentadas que as vemos, sem ao menos questioná-las. Com a apropriação técnica da fotografia, as crianças poderão ser produtoras e consumidoras mais críticas deste universo imagético. Quem domina a técnica fotográfica terá mais condições de dominar sua linguagem.

Para que os alunos pudessem produzir os retratos, era necessário o domínio técnico da fotografia e foi, nesse percurso, que se desenvolveu um novo olhar. Esse domínio é essencial para construirmos uma narrativa e interpretarmos os códigos visuais. Em tal perspectiva, Junior (1995) ressalta que

De percepção aberta e polivalente, as imagens originam-se de uma percepção ativa e ordenadora na qual o “eu” do produtor/criador ganha existência na presença do “outro” receptor/espectador. Sugerindo mensagens, que podem ser tão diversificadas quanto forem o público, as imagens deixam de objetos passivos de visualização para se constituírem em elementos ativos de interpretação. (JUNIOR 1995, P.32)

A composição e o enquadramento foram os primeiros assuntos abordados. Os alunos não observavam todos os elementos presente na fotografia; apenas o assunto principal. Ampliamos algumas fotos do bairro, feitas no último encontro, para mostrar todos os elementos que constituem a imagem e que colaboram para construir uma composição harmoniosa ou não. De imediato, os alunos começaram a perceber objetos que poluíam a imagem e desviavam o



foco no assunto principal. É, nesse sentido, que Guran (1999, p.25) reforça que é “fundamental olhar os quatro cantos do visor e eliminar ao máximo os assessorios, limpando a fotografia de tudo que possa poluir a mensagem principal [...]. A eficiência da comunicação na fotografia sofre com a presença de componentes não organizados”.

Além da composição, o enquadramento também foi analisado nas imagens. Nesse momento, falamos sobre o posicionamento do fotógrafo perante a cena observada, em que uma leve angulação pode afetar completamente o sentido da imagem. Segundo Guran (1992, p.29), “enquadrar uma cena é organizar no visor da câmera todos os elementos geométricos que formam sua realidade plástica”. Ensinamos, também, três tipos diferentes de planos na hora de enquadrar: geral, americano e detalhe, para que assim percebam suas intenções e diferenças na imagem. Os planos ajudam a contar uma história e seu uso tem interferência direta na narrativa.

## 7. RETRATOS NO ESTÚDIO E NO BAIRRO

Após a apropriação técnica da fotografia, demos início à produção dos retratos, que foi dividida em dois momentos. O primeiro foi a produção dos retratos dos alunos, que também são moradores do bairro, e, por sua vez, ajudam a construir sua história. Além disso, queríamos mostrar para os alunos outras possibilidades da fotografia, maneiras diferentes de se produzir uma imagem, nas quais os *flashes* passam a exercer papel principal. Esses nos dão a possibilidade de construir uma iluminação artificial e, com isso, obter um maior controle e precisão com a estética que se deseja na fotografia. Segundo Guran (1999, p.35), “Fotografia é luz, e, por conseguinte, sombra é o que dá volume e profundidade plástica a uma imagem. A intensidade, o tipo e a direção da luz são fatores determinantes para o resultado de uma foto”. Para isso, levamos os alunos para o estúdio fotográfico da universidade para que os estudantes pudessem compreender estes processos e terem uma nova experiência ao trabalharem esses recursos.



**Figura 1:** Retratos dos alunos utilizando a iluminação Low-Key.



**Figura 2:** Retratos dos alunos utilizando a iluminação *High-Key*.

Para exercitarem, os tipos de iluminação que aprenderam, pedimos para os alunos formarem duplas para cada um fazer um retrato do colega. Montamos dois *sets*, um que possibilitasse a luz dura (iluminação *Low-Key*) e outra a suave (iluminação *High-Key*), assim eles puderam ver as diferenças com a própria foto que produziram. Eles conseguiram perceber, ainda, algumas funções, tais como: abertura do diafragma, velocidade do obturador e o ISO, configurações essenciais para uma boa exposição e, no caso de alguns retratos, conseguir o movimento congelado. Conforme Hurter (2011),

Uma fotografia é somente uma representação bidimensional, de uma realidade tridimensional, por isso, o objetivo do fotógrafo é produzir um retrato que mostre a circunferência e a forma do rosto humano. Isso é feito primeiramente com destaques (áreas que são iluminadas com fontes de luz) e sombras (áreas que não são). Assim como um escultor modela a argila para criar a ilusão de profundidade, a luz modela a forma do rosto para dar-lhe profundidade e forma. (HURTER 2011, p.99).

Após a experiência dos retratos do estúdio entramos na segunda etapa que foi produzir retratos dos moradores do bairro. O desafio da produção dos retratos mostrou-se uma possibilidade de promover novos olhares para o local onde vivem. As saídas contribuíram para um olhar mais engajado com a sua comunidade.

Durante semanas, fotografamos moradores, comerciantes, artesões, estudantes, entre tantas pessoas que constituem o cenário do bairro Vila Nova. Em cada retrato, conhecíamos uma nova história, um novo jeito, uma nova personalidade, características percebidas diferentemente por cada criança, que, com seu olhar e as noções estéticas aprendidas na oficina, retratavam a pessoa. Conforme Hurter (2011, p.19), “Um bom retrato fornece informações a respeito do “eu” da pessoa. Através da iluminação controlada, da pose e da composição, o fotógrafo se empenha ao máximo para capturar a essência do modelo, de uma só vez registrando sua personalidade”.



*Figura 3*



*Figura 4*



*Figura 5*



*Figura 6*

A união dos retratos ao nosso planejamento contribuiu, significativamente, para ampliar a nossa proposta, porque fotografar os moradores pode ser considerado uma via de mão dupla. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que descobrimos pessoas, revelávamos novos ângulos do bairro e novas possibilidades de enxergá-lo.

Há mais quinhentos anos que os estudos do homem vivem sob a hegemonia da verbalidade, da escrita em especial. Não tenho certeza que os filhos de nossos filhos saberão ler e escrever como sabemos fazê-lo. Eu sei, desde já, que o adolescente informatizado não olha o mundo da mesma maneira que eu o descobria há quarenta anos. Uma coisa é certa: os homens de amanhã enunciarão e organizá-lo a partir de outros parâmetros lógicos, gerados pelos novos suportes comunicacionais que continuarão esculpindo. (SAMAIN, 1995, p. 9).

A fotografia, sendo uma importante potência entre os meios de comunicação, se mostra, dentro do projeto, aqui apresentado, como uma ferramenta para que os jovens revelem uma visão própria sobre seu bairro, sua realidade. Tivemos aqui a oportunidade de problematizar com o grupo a construção do nosso olhar quando somos subjetivados pela mídia todos os dias. As crianças produziram os retratos, respeitando as orientações técnicas que são



fundamentais na construção de uma narrativa por imagens. A seguir compartilhamos o depoimento de algumas crianças sobre a experiência com os retratos:

*Eu cuidava o fundo da foto, para ser um lugar bonito e a foto ficar mais bonita. Eu gostei de passear pelo bairro, eu nunca tinha feito isso, foi legal. Eu fotografei minha vó, estava ali no xis do meu tio, porque estava pegando fritas, daí eu encontrei ela e a professora disse que podia tirar uma foto dela. Fiz a foto da cintura para cima e cuidei o fundo. Ela disse que achou bem legal (Izadora de Brito, 9 anos).*

*O que mais gostei foi tirar fotos dos moradores, porque a gente tirou fotos de um monte pessoas que eu conheço. Eu lembro que a gente foi lá em casa fotografar minha vó, foi legal e fiquei envergonhado, até ela ficou, mas fez a foto. Eu cuidei para a câmera não ficar balançado, não mexer as mãos para ficar certinha a foto. Fiz ela da cintura para cima. Achei legal entrar dentro do estúdio de fotografia, a gente tirou um monte de fotos lá dentro, a gente usou tipo um guarda-chuva e um painel branco, pode deixar as fotos mais claras e escolher o tom (Jauâ Welter, 9 anos).*

*A gente aprendeu a tirar fotos no plano americano, só rosto e enfeite. Essa parte eu gostei, porque a gente aprendeu mais sobre fotografia e podemos usar isso em outros lugares, como no casamento da minha dinda. Eu gostava de fotografar o enfeite, porque a gente vê uma coisa de bonito que a pessoa tem. A oficina além de ajudar minha vida, me fez aprender novas coisas além de só ficar na escola. Entrar dentro do estúdio de fotografia me deu uma sensação meio estranha de conhecer algo novo. Lá a gente aprendeu outro tipo de foto, eu ajudei a Eliane a tirar fotos e ela me ajudou. Então, além de aprender mais coisas a gente relacionou a amizade. Cada foto no estúdio tinha uma coisa sobre um significado diferente. A luz mais escura foi que mais gostei, me dava um pouco de medo e a mais clara me sentia livre. Além de gostar muito de fotografar os moradores, a gente conheceu gente nova: muita gente que nós fotografamos eu não conhecia, só a minha mãe, assim nós fizemos mais amizades. Quando nós íamos fotografar os moradores eles pediam para se arrumar, e, na hora de fotografar, eu me preocupava com os detalhes que elas tinham (Bianca Carnetti, 9 anos).*

Os depoimentos das crianças sobre a experiência na produção dos retratos dos colegas e dos moradores demonstram a importância de investir em projetos que levem a fotografia para o contexto escolar. Nesse sentido, Achutti (1997) ajuda a refletir sobre a importância de nos apropriarmos tecnicamente de ferramentas para discutir a relação imagem, mídia e cultura: “Hoje se procura pensar a imagem fotográfica como veículo, como meio eficaz de ajudar a fluírem ideias, sensações, discursos, com os mais diversos propósitos que vão desde a publicidade a antropologia” (ACHUTTI, 1997, p.78).



Da mesma forma, os depoimentos dos moradores do bairro sobre a experiência de terem sido retratados pelas crianças expressam a produtividade do encontro de gerações por meio da fotografia.

*Desde criança, eu gostava de flores, sempre gostei. Um dia desses pensei assim para mim: há eu vou vender flores, porque daí plantava e vendia. Comprei minhas primeiras mudinhas em Porto Alegre, onde minha amiga Clarisse comprava, tinham muitas flores e fiquei buscando lá por 15 anos. Morro há 53 anos no bairro e meu marido a 73. O dia que as crianças vieram aqui, eu mostrei para elas as flores e elas escolheram algumas para eu segurar na janela. Foi bem legal, foi bom as crianças terem vindo aqui. Elas já vinham antes, as vezes, quanto eu estava de aniversário, vinham cantar parabéns para mim, só que elas queriam torta, mas eu não tinha feito ainda. Me senti bem em ser fotografada pelas crianças, meio envergonhada. Eu queria ter me arrumado, mas não cheguei a me arrumar, fiquei como eu estava. Sempre é bom mostrar alguma coisa do bairro (Ialda Lanzer, 72 anos).*

*Eu gosto de crianças e essas atividades. Sou moradora do bairro há 42 anos, minha filha tinha 18 anos quando vim morar aqui. No início, as ruas eram cheias de valos e barro, não se tinha asfalto. Onde é a Feevale hoje, era só mato. Tinha, também, o campo do Vila Nova, que hoje não existe mais. No dia da foto, eu estava sentada na frente de casa e alguém me chamou, então entrou aquela turminha de crianças pelo portão. Nós conversamos, as crianças conversaram. Tinha umas três crianças paradas perto de mim que me posicionaram e fizeram a foto. Eu fiquei contente naquele dia, muito feliz pelas crianças terem vindo a minha casa. Achei bacana e fiquei pensando quantos moradores vão fazer isso nas suas casas. Bonito eles quererem conhecer a história dos moradores, assim as coisas não ficam paradas (Olivia Prass, 80 anos).*

Outro depoimento é da professora responsável pela turma Juliana Henrich, que registra o envolvimento que os alunos tiveram com a oficina e a importância da fotografia e as vivências na comunidade como práticas de ensino.

*O dia da oficina era lembrado pela turma no dia anterior, portanto era um momento muito esperado. O linguajar mais técnico da fotografia em si passou a fazer parte das conversas das aulas, onde exemplificavam os conteúdos desenvolvidos em aula com o mesmo. Passei a perceber uma maior preocupação e cuidado com o birro em si. As crianças começaram a ver os “detalhes” do mesmo, assim como foram levados a ver os detalhes nos moradores ao fotografá-los. Com isso, se tornaram mais críticos, trazendo a vivência das saídas, caminhadas e conversas com os moradores nos diferentes assuntos discutidos nos momentos de sala de aula. As caminhadas pela comunidade trouxeram um olhar sobre os colegas e, conseqüentemente, um entendimento sobre diferentes pontos. Entrar no estúdio, presenciar todos os equipamentos serem montados e ajustados*

*para que eles fossem fotografar os encantaram. Queriam saber para que cada equipamento servia e quando usariam. Depois, ficaram maravilhados ao verem suas produções. Foi muito bom realizar esta atividade, trouxe um “tempero” especial às aulas. Ainda mais, esta que trabalhou tanto o novo (fotografia) como o conhecido (a sua comunidade e as pessoas que nela vivem: seus amigos, vizinhos, ex-alunos da sua escola, familiares). Este momento foi muito importante para eles, pois foram eles quem nos conduziam pelas ruas da comunidade: espaço deles” (Juliana Henrich).*



**Figura 7:** Retrato da florista



**Figura 8:** Retrato do carroceiro

O desenvolvimento deste estudo, que teve como proposta a construção de um novo olhar, conclui-se após três meses de oficina. Foi através dos retratos dos moradores que apresentamos, aos alunos, uma nova maneira de olhar essa proliferação fotográfica em que vivemos e que está operante na cultura visual associada à cultura do consumo. A imagem passa a não ter sentido se não é compreendida e é, nesse sentido, que as regras comunicacionais advindas dos suportes de produção fotográfica nos alfabetizam para a leitura das imagens. A partir deste trabalho, os jovens estão desenvolvendo possibilidades de uma nova leitura da mídia, ampliando a compreensão de seu processo de construção. A educação estética, através da técnica fotográfica, sendo a fotografia um dos principais produtos da cultura midiática na contemporaneidade, propiciou a leitura de imagens e a redescoberta de seus ângulos e enquadramentos para sua realidade. Quando nos voltamos para uma fotografia, observamos um recorte do tempo, um segundo congelado. As imagens nos apresentam um convite ao conhecimento, uma vez que, diante dela, tornamo-nos detetives, procurando compreender o olhar de seu criador, suas intenções diante de um mundo. *Nosso Bairro, Nossa gente* não traz soluções, mas possibilidades e novas inquietações. A oficina tem um término, mas este estudo terá novas conclusões a partir de novos projetos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia, Um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Livraria Palmarinca/Tomo Editorial Porto Alegre, 1997.
- Galeano, Eduardo. **O livro dos abraços**. LPM Editora. Porto Alegre, 1001.
- SCHMIDT e HANSEN. **Juventude, Mídia e Identidade: A experiência da Folha Martin Pilger**. Artigo. Universidade Feevale. Novo Hamburgo. 2008, s/p.
- DREIFUSS, René. Tecnobergs globais, mundialização e planetarização. In: MORAES, Denis de. **Por uma outra comunicação**. São Paulo: Ed. Record, 2003.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Ed. Arquipélago Editorial, 2006.
- GARCIA, Wilton. **O corpo na fotografia: anotações**. In: Fotografia Contemporânea. 2007.
- GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. – 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.
- JOBIM, Solange. **Fotografar e Narrar: A produção do conhecimento no contexto da escola**. Faculdade de educação da universidade do Rio de Janeiro. 2002
- SEMINÁRIO “Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia” (1995. Niterói, RJ). **Anais Do seminário...** Universidade Federal Fluminense, 1996.
- SAMIN, Etienne. Questões Heurísticas e torno do uso das imagens nas ciências sociais. Em: Seminário “Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia” (1995. Niterói, RJ). **Anais Do seminário...** Universidade Federal Fluminense, 1996.
- JUNIOR, Antônio. Considerações sobre o dispositivo fotográfico. Em: Seminário “Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia” (1995. Niterói, RJ). **Anais Do seminário...** Universidade Federal Fluminense, 1996.
- GIGLIO, Ermelindo. A construção do olhar sobre um movimento. Em: Seminário “Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia” (1995. Niterói, RJ). **Anais Do seminário...** Universidade Federal Fluminense, 1996.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. **Fotos & Grafias**. Editora da Universidade do Rio dos Sinos, 2000.
- HURTER, Bill. **Fotografia de Retratos**. -3. Ed. Balneário Camburiú, SC: Photos, 2011.
- SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. Editora Hucitec e Editora Senac - São Paulo, 2005.
- DONDIS, A. Donis. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paula: Martins Fontes, 1991.
- SCHMIDT, Saraí Patrícia. **A Educação nas lentes do jornal**. Porto Alegre (RS): Faculdade de educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faced-UFRGS), 1999.